



REG.

DIRECTOR E EDITOR

CARLOS M. CANDAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

PALÁCIO DOS GRILOS

Composto e impresso na «GRAFICA DE COIMBRA»

Carta a uma jovem portuguesa

Vou escrever para ti, jovem portuguesa e particularmente para ti, jovem estudante da nossa cidade. Não tenho a fazer a apologia de qualquer ideal; ensinar-te qualquer doutrina, defender fanáticamente uma moral. Impôr-me ou seduzir-te. Não sou guia nem observador junto duma juventude. Sou um jovem que vive dentro duma realidade juvenil, a quer compreender e a quer ver afirmar-se. Por essa afirmação eu quero combater. A minha realidade é igual à tua. Somos jovens. A minha liberdade não é igual à tua. Separa-nos um muro, alto e espesso, que nem tu nem eu construímos. A nós rapazes, de viver do lado de cá, onde temos uma ordem social que em relação a vós nos favorece. Para vós, raparigas, o lado de lá desse muro; o mundo inquietante da sombra e da repressão mental. Do existismo e da imanência.

Só nos é permitido atravessar o muro para escolhermos. E eu escolho-te a ti jovem portuguesa. Tu que estás submissa e passiva no canto onde te procuro. Tu que tens os olhos azuis ou negros. Como saber? Tu vens cega e só porque sa-

bes que tens de vir. Tu que coras e me desconheces. Que tremes e que sorris. Tu para quem eu sou só a presença perturbante de um dos que estão no mundo do lado de lá. Tu que vens abúlica e absorvente para eu moldar; que esperas que eu diga para dizeres; que ingenuamente finges, porque te ensinaram que a verdade é mentir. Tu para quem o amor é passividade, dever e obrigação. Tu vítima de todos nós e de ti mesmo. Tu vítima do nosso desejo não concretizado e portanto falseado e iludido. Tu que esperas dentro duma serenidade confusa e depois diante de mim desconfias, te inquietas e mentes. Tu que eu não quero escolher mas tenho de querer escolher. Tu. Jovem portuguesa.

Escolhi-te e tu vens então comigo. Estás no caminho comigo. Olham-te demais e há um passado demasiado pesado para poderes estar nele livre e serenamente. Tens a necessidade íntima duma segurança. E ela só vem com a permanência, com a persistência; com a rotina formal; com um ritmo marcado e aceite que não podes que-

(Continua na 4.ª página)

ALGUNS PROBLEMAS DO ENSINO DA FILOSOFIA EM PORTUGAL

O PONTO DE VISTA DE UM ALUNO

Ao constatar o escasso interesse nacional pelos problemas de Filosofia, em breve verificamos que ele se enraíza em uma razão histórica longínqua que depois não foi corrigida.

Efectivamente, Portugal sofreu com atraso notável o reflexo dos movimentos intelectuais da Europa. O Renascentismo literário vindo da Itália, o absolutismo político oriundo de França e Inglaterra, o Romantismo de fonte alemã, assim como o liberalismo económico, o simbolismo poético ou existencialismo filosófico, são apenas algumas das correntes que poderíamos citar para provar que, no nosso País, as ideias têm chegado retardadas, embora aqui lhes tenha sido, depois, dada uma feição nacional ou nacionalista, conforme os movimentos históricos. Isto sucedeu porque o nosso apego científico, da época dos Descobrimentos, que nunca será demasiado enaltecer, não como suporífero ou bálsamo mas como estimulante. Durante o período medieval, no

ponto de vista filosófico, pudemos manter-nos ao nível geral do continente. O domínio europeu do latim, fomentado e comentado pela Igreja, as frequentes viagens de religiosos dedicados à investigação, pelos conventos das Ordens respectivas, que se espalhavam ramificados pela Europa, foram dois dos factores mais importantes que puderam manter uma relativa unidade até ao aparecimento da Reforma.

Ora Portugal não sofreu a Reforma de maneira tão sensível quanto aos outros países. Os pro-

POR

RAUL MENDES SILVA

blemas postos pelos pensadores reformistas exigiram um trabalho infatigável nos campos da Cultura. A nossa falta de interesse filosófico começa, pois, a verificar-se a partir da revolução da Idade Moderna.

Uma relativa emancipação intelectual do nosso País coincidiu com uma época toda voltada para as buscas científicas, com consequente menosprezo pelos problemas metafísicos.

Causas destas resultantes históricas são ainda os condicionamentos geográfico, económico, político e religioso (dado fundamental). Em resumo, não temos uma tradição filosófica.

Passemos, porém, à questão, tal como se põe actualmente na nossa Universidade, sem curar tanto de razões anteriores, nem analisar o condicionamento à escola nacional — por motivos óbvios.

Omitimos aqui tratar aquilo que consideramos defeito no ensino da Filosofia nos Liceus Portugueses, o que guardamos para ocasião poste-

(Continua na 2.ª pag.)

O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO E A SAÚDE PÚBLICA — 2

O princípio da totalidade que sucedeu, nas ciências bio-antropológicas, ao atomismo orgânico e funcional, ultrapassou, na teoria e na prática, o domínio do organismo humano, tomado no sentido individual, para se estender ao organismo social.

Tal como aquele princípio nos ensina a considerar o homem como um todo em que as partes componentes não podem ser estudadas separadamente, mas, pelo contrário, nas suas relações umas com as outras e com o todo, também, do ponto de vista sociológico, ele nos conduziu à apreciação e ao tratamento do organismo social através do estudo das peças relacionadas entre si e o conjunto que elas constituem.

Esta aplicação do princípio da totalidade em relação à sociedade já se antevia quanto ao comportamento dos indivíduos no convívio entre si, que se realiza segundo esquemas normativos jurídicos e morais que regulam a vida em comum e limitam a expressão espontânea da personalidade.

Mas nas relações mais complexas entre os indivíduos e o Estado, o homem sofre amputações profundas da sua individualidade em proveito da pluralidade — entenda-

se aqui por comunidade —; ele cede parte da sua unidade pessoal em favor dos outros elementos constitutivos do grupo, que, por sua vez, se sobrepõe, na sua totalidade, às suas partes componentes.

O homem, ao despojar-se, assim, em benefício dos outros, de uma parte de si mesmo, para colaborar na constituição do todo social, tor-

PELO

Dr. Guilherme de Oliveira

na-se, sem dúvida, menos livre, mas, também, mais forte, porque o que cede de si recupera-o em maior segurança na luta existencial. Não está só! Se depende do todo, este também depende dele. O todo, para se manter, é obrigado a manter as partes de que é formado. A sobrevivência, a força e o equilíbrio de cada parte é fundamental para o desenvolvimento e a manutenção do todo, pois que se é certo que a parte está ligada às outras partes e, portanto, ao todo, por um compromisso de alguma coisa que se desprende dela, também o todo é obrigado a dar às partes uma parcela do que recebe de cada uma delas e de todas!

Logo, o princípio da totalidade define, aqui também, uma relação de dependência funcional entre as peças e o conjunto (os indivíduos e a sociedade). Porém, no organismo social, esta interdependência fisiológica, é dirigida e dominada, para além dos automatismos adquiridos, pelas forças da consciência individual e colectiva que se resumem em várias políticas do comportamento social.

Todas estas políticas definem as normas e o sentido da vida da colectividade e esclarecem e obrigam os seus membros para se manter o equilíbrio da fisiologia social.

O acesso a este equilíbrio não é fácil, porque as peças que constituem o organismo social, por via da sua unicidade e do seu poder criador, desajustam-se e provocam, por vezes, perturbações funcionais graves no todo social. Estes desajustamentos cíclicos são inevitáveis, porque exprimem o choque de correntes e contracorrentes de pensamento sempre reforçadas pelos impulsos da afectividade desperta e desinibida, e, ainda, estimuladas por circunstâncias novas de tempo, de lugar e de conhecimento. O organismo social, como as peças que o constituem, não se sujeita a quaisquer forças ou propósitos de estabilidade permanente. A evolução é um processo com o sinal da fatalidade, e, por isso, nada a pode

(Continua na 3.ª pag.)

Comunicado da Direcção Geral da A. A.

A Direcção da Associação Académica de Coimbra, no transe grave que a vida da Nação atravessa, deliberou levar a efeito uma extensa subscrição de donativos a favor das crianças que foram vítimas dos trágicos acontecimentos de Angola.

A subscrição em listas iniciar-se-á com o começo das aulas e, para o efeito, será pedida a colaboração das «Repúblicas», cuja acção na Academia muito se tem incrementado ultimamente; no entanto, actuais e antigos estudantes residentes fora de Coimbra e quaisquer outras pessoas que queiram colaborar nesta campanha, poderão enviar desde já os seus donativos para a Associação Académica.



Carta a uma jovem portuguesa

brar. Para ti o conhecimento não vem com um impulso, com um encontro que surge numa actividade em conjunto e não é forçado, não é aventureiro nem destruidor. No entanto resistes porque estás num mundo que te impõe como regra moral uma resistência. Tens a inconsciente e mal definida sensação de que há um sistema social mais forte que tu ou eu e no qual nos devemos integrar, sob pena de ficarmos sós e desamparados. Há um determinismo social que te oprime e te define. Debateste-te no mundo, ao mesmo tempo confuso e realista dos oprimidos; dos escravos que não se unem, mas fazem um par com o senhor.

Eu dou-te a mão no nosso caminho. Para ti, o dar a mão, é um acto estabelecido como acto primeiro numa cadeia que se sucederá. Beijas-me e sofres. Dizes: «Não o devia ter feito», porque julgas que o devias ter pensado. Vives no conflito de livremente me queres e de intimamente me desconheces e por vezes detestares. Eu sou o senhor a quem obrigatoriamente tens de ligar para viveres na consideração e na segurança sociais. Sabes que a tua liberdade só poderá vir depois de mim. O teu corpo exige-me e repele-me surpreso porque me desconhece. Sou aquele que traz a segurança e a satisfação, pelo menos formal, e aquele que não consegues decifrar; um inimigo que não te compreende e só te deseja. Sou afinal para ti o homem. Sou-te imposto, e embora desejado, não sou livremente aceite por ti. Fui-te apresentado durante anos como um príncipe encantado, mas sou na realidade o resultado dum necessidade social.

Segues no caminho e quando te beijo e abraço temos de fazê-lo na sombra, na mentira e no recalamento. Tenho de estender-te os braços onde não nos vejam e não nos espíem. Queremos amar-nos e conhecer-nos e não podemos. Há aqueles que não se amam e não querem que se ame. Os que vivem de mentiras e de regras morais que falseiam. Aqueles que com um fanatismo desumano nos querem negar e afastar. Os que negam o amor como uma verdade, o impulso do jovem e da jovem como o laço mais humano da ligação de dois seres que integram a sua relação livremente aceite na colectividade onde vivem e trabalham. Sim, aqueles, que de má fé, negam os que autónoma e independentemente assumem a responsabilidade de serem livres mesmo unidos.

Permite-me agora um aparte acerca do local onde te conheci. Numa das nossas «festas». As grandes «festas» em que o véu cai. E na grande e disfarçada orgia mentimos mesmo quando livremente nos encontramos. Há as grandes salas e as grandes ruas, as luzes intensas e as luzes veladas. Há o suor e a realidade dum juventude oprimida e cala que quando fala, grita e insulta, e bárbara e ocultamente se procura e se encontra. E só sabe que tem nesse encontro a ocasião de ser realmente jovem e não sabe ser jovem. Viver dentro da juventude não se ensina, aprende-se vivendo. E a jovem e o jovem português não vivem dentro dela.

Tiraram-te a mordada e a venda porque a sociedade permite e define os momentos em que se retiram as mordadas e as vendas. Mas tu não sabes ver nem dizer. Sabes só que estás diante de mim.

Dizem que sim os teus olhos, a tua boca, o teu corpo. Mas não sabes como realizar esse sim num só encontro quando estás marcada por um passado. E tudo é vulgar, e tudo é desumano. Queremo-

(Continuado da 1.ª página)

-nos e não sabemos como nos querer. Eu digo-te mas desejo-te demais e longamente te esperava para te poder agora dizer. Tu pensas que nada há a dizer se não calarmos ou mentirmos. Para ti tudo estava marcado assim antes de nós.

Na «festa» que tinha de ser «festa» por estar assim determinado. Veio o teu impulso para mim e o meu impulso para ti — que interessava se eram ou não verdadeiros? Eles estavam certos pois tinham acontecido nessa altura.

E quando de novo nos encontramos sabíamos que tínhamos mentido e vem de novo um mundo que nos olha e nos critica, vem de novo a venda e a mordada, o domínio da persistência e do tempo outra vez. Vem o ritmo dos dias e dos encontros.

Vem a espera e a rotina. Assim serão marcados os dias, os passos a dar, a conquista e a consumação. Só o tempo pode dar uma certeza e uma segurança. A «festa» findou. Tu estás só novamente. És um servo que é aliciado, mas tem de resistir. Fazes pagar essa servidão.

E assim com centenas de jovens cumpres o mesmo horário, o mesmo método desumano que lhes foi imposto. Rapariga portuguesa! És tu que eu não procuro mas és tu que eu encontro. Tu esperas passivamente como um pântano espera. Tens só a liberdade de conquistar a segurança. Teu corpo é para ser feito do meu. Tu desejas-me mas não me queres. Para ti a situação é ao mesmo tempo confusa e real. Tudo está terminado. Tens de me querer e queres-me.

Segue-me já no caminho comigo. Já me conheces e sabes o que eu penso. Tu evoluis. Tu estruturas-te. Mas tens o reflexo dum autonomia e não essa autonomia. As tuas afirmações são sentidas e não pensadas, são ouvidas e não provêm da acção. Tu és a jovem que ama, que repudia a moral social, que quebra as regras. Mas tu as quebras porque o rapaz a quem estimas te fez quebrá-las. Quebras por ele e não pelo livre arbítrio de rapariga independente. És livremente dependente e não livremente livre como o devias ser. Ensaia a emancipação por uma simples revolta, mas a opressão é demasiado forte para só com isso ser vencida. Defendes interesses porque amas e do que amas. A tua liberdade, mesmo dada, tem necessidade de se negar pela afirmação cega. A jovem portuguesa defende mal a libertação a que quer chegar. Mas para se chegar à libertação é precisa a liberdade.

Tu queres o meu corpo porque é o meu corpo, as minhas ideias porque são as ideias do jovem que estimas. O que eu penso tu defendes cegamente. A tua liberdade está em aderir à minha liberdade. E o mundo das jovens que te esperam tu o renegas pela acusação fácil. A realidade do que foste é desprezada e não ajudada na sua evolução. Há um universo donde queres fugir e outro onde ainda não chegaste.

Enquanto o mundo do homem e o da mulher não forem um só e único mudo, deves agir fundamentalmente, pela tua condição feminina, junto das jovens que te temem e te renegam. É principalmente a mulher que deve formar as mulheres enquanto estas tiverem um muro diante de si.

Lembra-te do que eu sempre te disse: Nós dois não estamos sós. Integrados numa colectividade, só assim podemos agir para um presente real e para a construção dum futuro.

Jovem portuguesa! Dou-te a minha mão e o meu corpo. Sinto os teus dedos, o teu braço. Sinto um corpo jovem junto do meu. Mas não sou um molde; sou um jovem diferente de ti. Um rapaz para quem o amor por ti é a concretização sexual, única diferença nas relações entre o homem e a mulher que devem decorrer no mesmo plano que de homem para homem. Nós temos os dois a mesma liberdade. Foi um impulso semelhante de dois seres livres o que nos uniu.

Quero estar contigo no mesmo caminho. Quero fazer-te compreender a tua passividade e a tua dependência, mas não fazê-las trocar por outra qualquer passividade ou outra qualquer dependência. Tu escolheste-me só e escolhe-me-ás sempre só. Mas ninguém está só numa escola. Milhares de jovens são vítimas de errados sistemas sociais. Milhares de jovens vivem no engano e não têm capacidade livre de escolher. Pela consciência tu viste-me; verás também o mundo através dela. Sou simplesmente um ser estimado dum mundo estimável; universo de vida, de luta e de construção. As nossas relações não são acidentais, nem são forçadas, nós as escolhemos. E todos devem saber e poder escolher.

Jovem do meu país! Tu vives um sonho triste pois uma concreta realidade humanizada tu desconheces. Através de mim vais contra um mundo. Mas eu sou um protector que te surpreende e perturba. Ainda sou um senhor. Tu pedes intransigentemente uma verdade mas a sociedade ainda é confusa e determinada. Quando a não compreendes choras ou gritas. Sonhas com uma rapariga livre e tens a inquietante sensação que isso te não é permitido por ti mesma. Continua a pensar intimamente numa prisão gloriosamente segura. É essa a imagem que repudias, que negas para poder afastá-la.

*

Jovem portuguesa! Um jovem te espera. Em qualquer caminho tu serás esperada e atendida. Serás activa e empreendedora. Serás autónoma e livre. Mas para isso é preciso que saibas que o não és, porque o não és, e que queiras, decidida e firmemente, sê-lo. Tens de saber porque te negam a libertação. Tens de ver no rapaz que te espera um aliado e não um inimigo a quem tens de mentir para te deixares conduzir e sentires-te segura. Tens de o aceitar pleno de defeitos, de incompreensões, brutal e sensual por vezes, mas nunca como um senhor, mas sim um resultado como tu do mesmo processo desumano de afastamento e de incompreensão.

Não deves fechar os olhos nem olhá-lo nos olhos, mas sim olharem juntos o mesmo caminho. Lutarem pela libertação através dum mútua liberdade. Só através da compreensão e do conhecimento, sem mentiras, sem subterfúgios, nem truques, um par pode ser feliz e útil na renovação social de hoje. E juntos integrar-nos-emos no trabalho colectivo. O trabalho colectivo não é contra o amor que desperta e une os jovens. Pelo contrário; ele os unirá e os fará integrar na dinâmica do movimento estudantil e juvenil em geral; tanto do nosso como de outros países.

Hoje temos mais que nunca necessidade de ti. Necessidade de findar com a mentira e com a falsidade. Necessidade do teu desparar e do teu esclarecimento. Necessidade de nos ajudarmos mutuamente na senda dum completa humanização da sociedade.

Jovem portuguesa! Vou acabar

Museu Académico

HORÁRIO DE VISITAS

Todos os dias das 10 às 12,30 e das 14 às 17 horas.

Encerrado às segundas-feiras.

Visite

o Museu Académico

Agradecimento

Dentro do apelo dirigido pela Direcção do Museu Académico aos actuais e antigos estudantes e quaisquer outros amigos que de qualquer modo possam contribuir para o seu engrandecimento, tem a Direcção do Museu Académico a manifestar o seu agradecimento ao Senhor J. Gaspar que amavelmente pôs à nossa disposição todos os seus Arquivos, podendo o Museu adquirir gratuitamente todas as fotografias que porventura nos interessem.

Secção de Rádio

No dia 11 do corrente constituiu-se uma Comissão que ficou encarregada de preparar o ante-projecto dos estatutos da novel secção de Rádio.

Os colegas que estejam interessados em trabalhar nesta Secção, devem dirigir a sua correspondência para Secção de Rádio — Associação Académica.

esta carta. Não tenho a pretensão de ter feito a dissecação psicológica dos problemas da rapariga. Num outro artigo penso analisá-los objectivamente. Mas queria escrever-te directamente porque não te conheço e tu não me conheces. Tu és a imanência carnal que os jovens insultam e desejam. Mas tens de ser no futuro a jovem ao lado do jovem. A rapariga ao lado do rapaz.

Para isso tens de trilhar os caminhos da compreensão e da aproximação e não os do afastamento desconfiado. Tens de colaborar em tudo o que os rapazes elaboram e realizam e sempre num plano de igualdade. Tens de ajudar, criticar, disparatar (porque não?). Tens de derrubar conosco o muro que nos separa. Tens de participar na mesma frente, na frente das nossas reinvidicações para a construção dum melhor realidade juvenil. Tens de fugir ao isolamento e ao mundo fechado e diferente das raparigas entre si. Tens de entrar no nosso mundo errado, mas errado por tu não estares lá. O mundo que te escarnece e te insulta simplesmente por não te ter.

Só assim verdadeiramente te conhecerei. Saberei o sabor do teu corpo, a cor dos teus cabelos e dos teus olhos. Só então te poderei amar; não na sofreguidão, na ansiedade e na mentira, mas sim à luz dum dia jovem, à luz do que nasce e floresce; dentro da colectividade estudantil.

Coimbra, Março de 1961.

A.